

Percepções acerca de identidades sociais de raça de professores de língua inglesa após uma oficina de formação continuada

Perceptions of english language teachers about race identities after a workshop*

Susana Aparecida Ferreira**

UNIOESTE

Resumo: Este trabalho intenta trazer resultados parciais de uma tese de doutorado que se encontra em andamento. A geração de dados foi realizada com a colaboração de duas professoras de Língua Inglesa que trabalham em uma escola pública na Região Sul do Brasil. O objetivo deste trabalho é refletir acerca de percepções dessas professoras a respeito de identidades sociais de raça após o período de realização de uma oficina de formação continuada. O referencial teórico contempla (i) identidades sociais de raça (SILVA, 2003; GOMES, 2005; SANTOS, 2005; FERREIRA, 2012d), (ii) material didático (SILVA, 2008; TARINI, 2009; CAMARGO, FERREIRA, 2014), (iii) documentos oficiais (Lei Federal nº 10639/2003 — que institui a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana nas escolas — mais a Resolução MEC-CNE nº 1, de 17 de junho de 2004 — que determina as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana) e (iv) fundamentação linguística com a “Análise Crítica do Discurso” (VAN DIJK, 2012). Após a realização da referida oficina de formação continuada, a partir das percepções das professoras, foi possível perceber que oficinas de formação continuada podem contribuir para as reflexões sobre identidades sociais de raça em aula de LI, dinamizando a prática docente.

Palavras-chave: Identidades sociais de raça. Reflexões após uma oficina de formação continuada. Prática pedagógica.

Abstract: This article presents the partial results of a doctoral thesis that is still in progress. The generation of data was carried out in collaboration with two English Language teachers who work in a public school in southern Brazil. The objective of this article is to reflect on the perceptions of these teachers about the social identities of race after they attended continuing education workshop. The theoretical framework includes (i) the social identities of race (SILVA, 2003; GOMES, 2005; SANTOS, 2005; FERREIRA, 2012d); (ii) educational materials (SILVA, 2008; TARINI, 2009; CAMARGO, FERREIRA, 2014); (iii) official documents (Federal Law No. 10639/2003, which established the mandatory teaching of African and Afro-Brazilian history and culture in Brazilian schools, as well as the MEC-CNE Resolution No. 1 of June 17, 2004, which determines the National Curriculum Guidelines for the Education of Racial-Ethnic Relations and for the Teaching of African and Afro-Brazilian history and culture); and

* Profa. Orientadora: Aparecida de Jesus Ferreira. Pós-doutora e doutora pela Universidade de Londres – Inglaterra, professora Associada na UEPG no Programa de Pós-Graduação em Linguagem, Identidade e Subjetividade e professora do Programa de Doutorado em Letras na Unioeste – Linguagem e Ensino. E-mail: aparecidadejesusferreira@gmail.com.

** Doutoranda em Letras. Bolsista Capes/Fundação Araucária. Mestre em Letras (Unioeste Cascavel), graduada em Letras português-inglês (Unioeste Cascavel). E-mail: s.ferreira@hotmail.com.

(iv) critical discourse analysis (VAN DIJK, 2012). From the observations of the two teachers after the aforementioned workshop it was revealed that continuing education workshops can contribute to reflections on the social identities of race in English Language classes and help teaching practice.

Keywords: Social identities of race. Reflections after a continuing education workshop. Pedagogical practice.

INTRODUÇÃO

Apresentamos aqui dados de uma pesquisa de campo sobre impressões de duas professoras de Língua Inglesa (LI) após uma oficina de formação continuada que abordou a temática das identidades raciais e a prática pedagógica. Então esta exposição está realizada de maneira colaborativa com essas professoras. A nossa intenção é, de fato, tornar públicas questões que podem vir a ser fonte de incentivo a outros/as professores/as, pois a oficina de formação mencionada foi considerada um trabalho considerado de sucesso, comprovando que é possível bem trabalhar com a temática das identidades sociais de raça em aulas de LI.

Além disso, esta exposição colaborativa pretende, também, contribuir com a reflexão de pesquisadores, de docentes e de outros interessados nessa temática e, principalmente, mostrar que existem formas de contribuir para preencher a lacuna pedagógica que o professor de LI possa ter quando o assunto é refletir sobre questões raciais em sala de aula (FERREIRA, 2004; 2007; FERREIRA, 2011). Oficinas de formação continuada com temáticas voltadas para a área de Ensino de Línguas são necessárias e podem ser satisfatórias, trazendo a responsabilidade de incorporar a temática racial também em aula de LI (FERREIRA, 2004; JORGE, 2014).

O contexto desta pesquisa envolveu, primeiro, uma escola pública estadual no Sul do Brasil, escola na qual foi realizada uma oficina de formação continuada¹, presencial, com 60 horas de duração, e, depois, outra escola pública da região na qual atuavam duas professoras² de Língua Inglesa (essas mesmas professoras que foram as participantes desta pesquisa), que foram acompanhadas durante mais de um mês, período em que se deu a utilização de um material didático produzido por elas durante a dita oficina, com reflexões sobre identidades sociais de raça e a prática docente. Somente essas duas referidas professoras efetivamente participaram da pesquisa como um todo (mesmo que mais professoras tenham participado da oficina de formação, que foi aberta aos interessados). Assim, as análises referem-se apenas a essas duas professoras de LI.

O artigo está estruturado da seguinte forma: (i) conceituação de “identidades sociais de raça”, (ii) documentos oficiais que tratam das

* A oficina de formação continuada foi divulgada pessoalmente em quatro escolas da cidade, além da divulgação por e-mail para cada direção dessas escolas.

* A pesquisa foi acompanhada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos — CEP da Unioeste, que tem a matéria regulamentada pela Resolução nº 196, de 10 outubro de 1996. Assim, essa pesquisa, atendendo aos requisitos propostos, não revela os nomes das escolas, nem dos professores, tampouco quaisquer dados que possam identificar e localizar os participantes, preservando sua identidade.

questões étnico-raciais, (iii) metodologia e (iv), na parte da análise de dados, identidades sociais de raça e a percepção das professoras após uma oficina de formação continuada, além (v) das considerações finais.

Identidades sociais de raça

A respeito do conceito de identidades sociais humanas que temos nos dias atuais, Hall (2006) coloca uma grande mudança conceitual desde a fase iluminista até a pós-modernidade. Assim, há de se considerar que o fenômeno da globalização próprio deste início de século incidiu sobre essa transformação, ou seja, de noções tidas como unificadas e estanques para a constituição das identidades a partir de um processo histórico e contínuo, portanto, inacabado e fragmentado.

Partindo dessa premissa geral a respeito de identidades sociais, concordo que a reflexão acerca desse conceito mais amplo tem estreita relação com o de identidades de raça — identidades que estão sempre em construção e “[...] esse processo possui dimensões pessoais e sociais que não podem ser separados, pois estão interligados e se constroem na vida social” (GOMES, 2005, p. 42). Assim, como Moita Lopes (2002; 2013), entendemos que o contexto escolar faz parte dessa (re)construção das identidades sociais. Dessa maneira, o interesse nesse artigo é trazer justamente reflexões acerca de identidades sociais de raça em aulas de LI.

Nesta seção proponho, então, reflexões a respeito da constituição identitária de raça. Entendo que o assunto é deveras pertinente, pois o racismo e a discriminação, mesmo de forma velada, continuam presentes na sociedade brasileira e isso pode ser percebido também no contexto escolar.

Ferreira (2012d) esclarece que documentos educacionais que abarcam educação linguística, bem como relações raciais (PCN de LE, Lei nº 10.639, Lei nº 11.645, DCE-LE, OCEM de LE, PNLD de LE, PNLD de LE)³, apontam para a necessidade de inserção da discussão sobre a temática racial. Torna-se, então, essencial refletir a respeito desses documentos, refletir a respeito das contribuições que eles trazem e o que de fato é ou pode ser aplicado em sala de aula de LI, para tornar possível o conhecimento da realidade das identidades sociais de raça em aulas de LI.

Para discutir a temática das identidades sociais de raça é necessário perceber que o racismo existe na sociedade (GUIMARÃES, 2004). Mais do que isso, é necessário entender como ele se reproduz e se mantém, é necessário localizar e desarmar os seus discursos (RAMALHO e RESENDE, 2011; VAN DIJK, 2012; SILVA, 2014). Para Van Dijk (2012, p. 41), esses discursos refletem o poder social que dissemina a ideologia dominante, poder característico nas interações entre diferentes grupos ou classes sociais, e é nessa interação que as relações de poder se manifestam, e as identidades sociais se constituem, positivas ou não (JORGE, 2014).

³ Em ordem em que aparecem entre parênteses: PCN de LE: Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino de Língua Estrangeira, 1998; Lei Federal nº 10639, de 2003; Lei Federal nº 11.645, de 2008; Diretrizes Curriculares Estaduais para o Ensino de Língua Estrangeira, de 2008; Orientações Curriculares para o Ensino Médio, de 2006; Plano Nacional do Livro Didático de Língua Estrangeira, de 2010; Plano Nacional do Livro Didático de Língua Estrangeira, de 2011.

Dessa maneira, podemos refletir acerca de como essas questões podem desprivilegiar pessoas, ao passo que os mecanismos de poder continuam a nos governar, mesmo que de forma sutil (SILVA, 2013), tendo em vista que ele “[...] é geralmente indireto e age por meio da ‘mente’ das pessoas, por exemplo, controlando as necessárias informações de que precisam para planejar ou executar suas ações” (VAN DIJK, 2012, p. 42) e também através das práticas sociais (PENNYCOOK, 2001). Assim, consideramos ser importante refletir também a respeito de como as ideologias podem interferir na construção das identidades sociais de raça, bem como de que maneira os documentos oficiais contribuem para a discussão dessa temática, ao passo que trazem em seu conteúdo sugestões para nortear a prática docente.

Documentos oficiais que tratam das questões étnico-raciais

Resultantes de lutas sociais do movimento negro desde a década de 1980, os documentos foram sendo implementados para auxiliar na reflexão dentro da escola a respeito da diversidade cultural brasileira. Especificamente são dois documentos, primeiro a Lei Federal nº 10.639/2003, que instituiu a obrigatoriedade do ensino da História da África e da Cultura Afro-Brasileira, e, segundo, o Parecer MEC/SEPPPIR nº 1/2004, de 17 de junho de 2004, que instituiu as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira⁴.

Depois dessa legislação, para exemplificar a continuidade dessas reflexões por parte dos documentos, atribuo atenção especial às Orientações e Ações para Educação das Relações Étnico-Raciais, com texto publicado em 2006 pelo Ministério da Educação em parceria com a Secretaria de Educação Continuada. Esse documento fez parte de um desdobramento da Lei Federal nº 10639/2003 e do Parecer de 2004 do MEC/CNE.

As reflexões e pesquisas para a preparação do referido documento iniciaram já no ano de 2004 e se estenderam até 2005. Nesse empreendimento foram envolvidos, em média, 150 pesquisadores distribuídos em grupos localizados entre Salvador, Belo Horizonte, Florianópolis e Brasília. Além de reflexões teóricas, essas orientações trouxeram sugestões de atividades para a Educação Infantil, para o Ensino fundamental, para o Ensino médio, para a Educação de Jovens e Adultos, para os cursos de graduação na modalidade de licenciatura e para a Educação Quilombola. Assim, os resultados foram direcionados para escolas, seus gestores e seus professores, servindo de subsídio para que as reflexões a respeito da diversidade étnico-racial e cultural pudessem ocorrer no contexto escolar.

As reflexões também se inclinam no sentido de que o sistema educacional nacional possa pensar como as políticas educacionais e linguísticas

⁴ As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana foram publicadas no ano de 2004, para regulamentar a Lei Federal nº 10639/2003. Neste trabalho, utilizei uma versão impressa do documento que tem a publicação datada no ano de 2005. Todos esses documentos podem ser acessados por meio de busca na web.

têm sido direcionadas para o reconhecimento da população afrodescendente e quais os benefícios efetivos e reais que propiciaram para a população negra. Também é necessário mencionar os avanços do PNLD – Programa Nacional do Livro Didático, pelo processo de revisão iniciado em 2011 para a área de LE. Trata-se de uma política pública do MEC (Ministério da Educação) que, segundo Jorge (2014), além de subsidiar a prática pedagógica dos professores, tentou, a partir de uma educação com mais qualidade, reduzir as desigualdades sociais.

Metodologia de pesquisa

Cabe afirmar que este trabalho de pesquisa se insere nas bases da LA – Linguística Aplicada (MOITA LOPES, 2006; PENNYCOOK, 2006; KLEIMAN, 2013), ao passo que toda a investigação perpassa, também, pelo contexto aplicado, neste caso, à sala de aula. Demonstra-se, assim, a necessidade de refletir acerca de identidades sociais de raça também na prática do ensino de Línguas. É uma pesquisa de cunho qualitativo. Segundo Lakatos e Marconi (2011, p. 267), o método qualitativo de pesquisa “[...] preocupa-se em analisar e interpretar aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano. Fornece análise mais detalhada sobre as investigações, hábitos, atitudes [...] etc.”. Para refletir sobre tais complexidades, é preciso de uma base interdisciplinar que, segundo Moita Lopes (2006) é necessária para o sucesso no trabalho com a linguagem em sala de aula. Os dados apresentados na sequência foram gerados a partir de uma oficina de formação continuada destinada a professores de Línguas de escolas públicas em uma cidade no interior do Paraná. A referida oficina versou a respeito dos trabalhos com identidades sociais de raça em aulas de Línguas. Neste artigo, trago os dados gerados a partir da oficina com diário de campo e entrevista.

Esse período de formação continuada foi capaz de contribuir para reflexões teóricas e práticas das professoras de Inglês. Trata-se de reflexões que continuaram depois do término da formação, pois transformadas em material didático para aplicação em sala de aula. O tema trazido versa a respeito de como as professoras percebem sua prática docente após uma oficina de uma formação continuada direcionada para a temática racial.

Repensando a prática docente a partir da própria formação

A discussão sobre a prática docente e a introdução de questões a respeito de identidades sociais de raça esteve presente ao longo de todo o processo, ou seja, desde o início da oficina de formação continuada até o final da utilização do material de ensino em sala de aula das professoras colaboradoras. Entendo ser de suma importância pensar a respeito da prática pedagógica e o ensino de Línguas (PAIVA, 2005, 2007; ORLANDO,

2013), no que se relaciona a questões étnico-raciais (SILVA, 2007; FERREIRA, 2009; CAMARGO, 2012) na prática pedagógica.

Eu achei um desafio na verdade (...) trazer para a sala de aula essas reflexões que fizemos no período da oficina, sabe (...). Inserir esse tema tão importante (identidades sociais de raça) nas atividades de Inglês. Vi que contribuiu para a prática em sala de aula. (Fragmento diário de campo, após a formação continuada, profa. Antônia, 26-11-2014).

No fragmento acima transcrito, a professora Antônia coloca a importância de professores refletirem a respeito das identidades sociais de raça, associando essas discussões à sua prática docente. Segundo Ferreira (2012d, p. 25-26), “[...] a questão da prática pedagógica é crucial, pois é o que tornará a interação em sala de aula possível. É a maneira pela qual os/as professores/s desenvolvem suas aulas com os/as alunos/as”. Este trabalho trata, então, das reflexões das professoras de Inglês após a oficina de formação continuada, entretanto entendo que as reflexões realizadas durante o processo tiveram impacto relevante nos discursos das mesmas professoras após a oficina, pois que, gradativamente, essas reflexões foram sendo amadurecidas enquanto elas utilizavam o material preparado por elas mesmas durante a oficina em suas aulas – o que ocorreu após o término dessa atividade de formação docente continuada. Durante esse processo de formação essas professoras tiveram a oportunidade de analisar seu próprio livro didático, ou seja, aquele que utilizavam em sala de aula de LI. A oportunidade contribuiu para que elas pudessem preparar o seu próprio material didático pensando nas representações sobre identidades sociais de raça que seus livros traziam. Assim elas puderam trazer essas questões em seus novos materiais por elas preparados. Essas questões ocorridas durante a oficina também refletiram nas reflexões posteriores, pelo fato de ser uma continuidade do trabalho:

Eu ainda tenho receio, mas sei que a gente serve sempre de intermediária do assunto agora, mas se aparecer uma questão no livro, por exemplo, eu já tenho coragem de trabalhar isso, discutir [...] (fragmento de entrevista, após a formação continuada, profa. Antônia, 26-11-2014).

Antes das reflexões da oficina eu não me sentia preparada para falar sobre esse tema (identidades sociais de raça) na minha sala, não tinha segurança pra falar. Na minha formação como professora não tive essas reflexões também. (Fragmento diário de campo, após a formação continuada, profa. Antônia, 26-11-2014).

Nos excertos anteriormente citados, primeiramente a professora Antônia reflete acerca do receio que sente ao pensar no trabalho com questões raciais em suas aulas. Sente-se também com mais autonomia em relação ao livro didático que utiliza, refletindo a respeito de assuntos relacionados com a temática (identidades sociais de raça) com seus alunos.

Em seguida, ela relata que também, em sua graduação, não refletiu acerca de identidades sociais de raça, fato que fez com que ela não se sentisse preparada para falar sobre o assunto com seus alunos. Ferreira (2006) traz, em seu trabalho, resultados similares no que se refere ao trabalho dos professores de LI para o trato com as questões étnico-raciais em sala de aula.

Ferreira (2006) ainda esclarece que os professores participantes de sua pesquisa não tiveram oportunidade de receber uma formação acadêmica crítica e reflexiva. Na pesquisa de Ferreira (2006), 70% dos professores que responderam ao seu questionário disseram não estarem preparados para falar sobre raça e etnia em suas aulas, mesmo que esse tema já viesse sendo abordado nos Parâmetros Curriculares Nacionais desde 1998 (ano da publicação), dentro do tema da Pluralidade Cultural.

Ano que vem, se eu trabalhar com eles, quero continuar esse trabalho de valorização do aluno. Se eu pegar o 6º ano de novo, tudo vai ser diferente, inclusive a minha metodologia (...). Eu vi que a gente não está tendo resultado com o livro didático, não digo abandonar o livro, mas (...) reformular algum conteúdo. Já me sinto com mais autoridade para trabalhar conforme eu achar que estou adequando o livro à realidade da minha turma (...). Por exemplo: não trabalhar só por trabalhar uma autobiografia sem refletir, não faz sentido. (Fragmento de Entrevista, após a formação continuada, profa. Gabriela, 24-11-2014).

A professora Gabriela esclarece que, mesmo depois do término do projeto, pretende continuar com as reflexões proporcionadas desde a formação continuada até a utilização do material em sala de aula. Ela coloca ainda que gostaria de continuar com a mesma turma, se assim fosse possível, para dar continuidade ao trabalho iniciado. Ela percebeu a necessidade de mudanças em sua prática pedagógica. Não se trata de descartar o livro didático, mas, sentindo-se com mais autonomia, trata-se de otimizá-lo, se necessário. E se trata também de não trabalhar os conteúdos sem ter uma intenção crítica específica com cada atividade, com o objetivo de proporcionar que seus alunos formem também uma opinião sua própria.

Essas colocações têm relação direta com o poder que o professor de LI tem de reafirmar as identidades positivas de seus alunos (JORGE, 2014), pois o docente tem a possibilidade de conduzir as reflexões de forma a romper com estereótipos que possam estar sendo veiculados. Segundo Silva (2011), estereótipos negativos sempre têm o potencial de promover uma autorrejeição nos alunos atingidos por ele, obrigando esses alunos a um esforço de não identificação com o que não é bom ou deixando-o numa situação de não dispor de uma boa representação (HENRIQUES, 2002; FERREIRA, 2004; SILVA, 2003; SILVA, 2008; JORGE, 2014).

Segundo Van Dijk (2012, p. 148), estudos têm sido feitos no sentido de perceber como as minorias são representadas nos livros didáticos.

Trata-se de iniciativas de pesquisa importantes diante do fato de que o “[...] discurso educacional é o mais influente na sociedade, principalmente quando se refere à comunicação de crenças que não são normalmente transmitidas nas conversas cotidianas ou na mídia” (VAN DIJK, 2012, p. 148). Por isso também essa criticidade se faz necessária a cada professor na hora de elaborar seu próprio material de ensino, na hora de levar o livro didático para a sala de aula ou mesmo de simplesmente otimizá-lo.

Acredito que foi bem além do que eu esperava (...). Como eu comentei, que eu não esperava que eles fossem aceitar bem a temática (identidades sociais de raça) e que eu pudesse ter participação nas aulas (...). Lógico que cem por cento a gente não consegue, mas (...) a partir das discussões lá na oficina (...), por exemplo, da temática, eu não tinha leitura (...). O que eu tive foi nesse curso (...) contribui para o trabalho prático em sala de aula. (Fragmento de entrevista após a formação continuada -, profa. Gabriela, 24-11-2014).

Gabriela comenta que o resultado superou as suas expectativas iniciais quanto à aplicação de um material didático preparado por ela. Ela tinha dúvidas em relação à participação dos alunos e quanto ao sucesso da reflexão sobre a temática das identidades sociais de raça em suas aulas. Então é à *oficina de formação* docente continuada que ela atribui o sucesso para seu trabalho prático nessa área atualmente.

A oficina de formação, além das reflexões teóricas e práticas acerca de identidades sociais de raça, proporcionou que essas professoras pudessem pensar criticamente a respeito do conteúdo levado aos seus alunos. Nessa linha de discussão, Souza (2011) pontua que existe a necessidade, mesmo nos dias atuais, de problematizar e de refletir a respeito da visão eurocêntrica que permeia toda a história educacional brasileira; sugere, ainda, alguns autores para o aprofundamento teórico sobre essa questão (BARROS, 2005; FONSECA, 2005; SILVA, ARAÚJO, 2005; CUNHA, 2005; CARDOSO, 2005; CRUZ, 2005). Souza (2011) pontua que os autores citados auxiliam na compreensão do processo educacional do Brasil, como, por exemplo, mostrando que, mesmo que a escolarização fosse trazida como instrumento de ascensão social, o ambiente escolar edificou-se como local de desigualdade social e racial.

Ter participado desta oficina foi muito importante, pois durante toda a minha trajetória de professora nunca havia trabalhado esse tema em sala de aula, apenas ouvia dizer sobre a necessidade, mas na prática não sabia como falar sobre racismo dentro da minha disciplina, e, através da oficina, análise do livro didático, produção da sequência didática e aplicação, pude perceber as muitas possibilidades de trabalhar com essa temática. Sinto-me melhor preparada para resolver questões preconceituosas que podem vir a acontecer nos espaços da escola/sala de aula e até mesmo no dia a dia. Percebi, durante a aplicação, o quanto precisa ser trabalhado

com os alunos várias questões relacionadas ao cotidiano deles, principalmente o preconceito racial, o qual está muito presente em nossa sociedade (fragmento entrevista após a formação continuada, profa. Gabriela, 24-11-2014).

A falta de conhecimento a respeito da temática das identidades sociais de raça e a incerteza de como incluir essas questões em sala de aula fizeram com que a professora Gabriela, como mostra no fragmento da entrevista trazido, sentisse insegurança e acabasse por não trabalhar o tema em suas aulas. Depois, segundo ela, a forma como as ações de formação ocorreram dentro da oficina, reiterando o que ela traz no fragmento anterior a esse, auxiliou para que ela pudesse dinamizar e otimizar sua prática, de maneira crítica e inserindo questões que antes pareciam difíceis e polêmicas.

Segundo Jovino (2014, p. 129), “[...] o ensino de LE permite que o aluno tenha acesso a uma nova visão de mundo, levando em consideração o contexto cultural envolvido”. Assim, as professoras de Inglês perceberam a responsabilidade social que o ensino de LI traz consigo, transcendendo o ensino tradicional. A mudança a respeito do que esperavam sobre a utilização de um material, feito por elas, com a temática das identidades sociais de raça foi notória. Foi possível perceber isso à medida que as discussões, leituras e reflexões foram transcorrendo, até o final da aplicação de um material didático, temático e elaborado por elas, nas aulas de LI.

Conclusões

Dada a problemática proposta ao início deste trabalho, o intuito foi refletir a respeito das percepções de duas professoras de Língua Inglesa do ensino fundamental, após uma oficina de formação continuada, a respeito de identidades sociais de raça e a prática pedagógica do professor de Línguas. Trago então mais algumas reflexões baseadas na triangulação entre legislação, referencial teórico e análise dos dados. Algumas dessas reflexões ocorreram durante a oficina e aplicação didática em sala de aula e outras das que permeiam esse trabalho ocorreram após, mas não há como desvincular nenhuma delas do processo vivido, que foi contínuo.

Apresento, pois, neste trabalho, resultados que comprovam como uma oficina pode contribuir de maneira positiva para as reflexões sobre identidades sociais de raça nas aulas de LI. É combatendo o silenciamento do racismo, principalmente nas aulas de LI (CAMARGO, FERREIRA, 2014; FERREIRA, 2014a; FERREIRA, 2014b) e perceber a invisibilidade do aluno negro no material utilizado (TARINI, 2009) que se pode produzir a superação desse racismo e promover a igualdade racial. Entretanto, é necessário esclarecer que, como toda pesquisa de campo, também foi necessário enfrentar entraves sérios no processo. Uma delas, nada

desprezível, foi que professoras faltavam nos dias da oficina ou, quando não faltavam, não tinham lido todo o material proposto (o que tem a ver com a grande carga horária de trabalho delas). Outro entrave foi a dificuldade delas de relacionar com a prática de LI as questões das identidades sociais de raça. Um terceiro entrave, para elas no caso, é que, quando da utilização do material em sala de aula, contavam com salas de aula lotadas acima de 35 alunos. Mais outras interrupções rotineiras poderiam entrar aqui na lista dos entraves. E, apesar de dificuldades como as relatadas, as professoras participantes se mostraram otimistas com a proposta de refletir e preparar seu próprio material temático. E o fizeram. Dedicaram-se para levar o material preparado por elas para suas salas de aulas, depararam-se com interrupções inúmeras, como recados da direção, com salas lotadas, com alunos agitados. E, ao término da aplicação do material em sala, disseram estarem satisfeitas com o resultado. Isso significa que conseguiram trabalhar com o conteúdo preparado e proporcionaram reflexão a respeito de identidades sociais de raça em suas aulas de LI.

Outra pesquisa que vem confirmar o mesmo ou similar resultado é a de Camargo (2012), que, em sua dissertação de mestrado, pontua a necessidade de formações continuadas para lidar com as situações de preconceito e racismo dentro da escola de aula. Também a dissertação de Teles (2010), que reflete sobre a percepção de uma professora de educação infantil a respeito da representação de crianças negras na escola, afirma entender, assim como eu, que *é indispensável uma formação específica voltada para o tema da igualdade racial*.

Então, após a realização dessa oficina de formação continuada direcionada à temática racial e a partir das percepções das duas professoras de Inglês, foi possível perceber que essas formações tanto podem contribuir para preencher as possíveis lacunas teóricas, como para a desconstrução das ideologias que atuam nas relações de desigualdades presentes na sala de aula (SILVA, 2008). E, também, podem fornecer subsídios para que os professores possam dinamizar sua prática docente levando em consideração as identidades sociais dos alunos na tentativa de torná-las positivas, e fazendo entender que a negatividade da identidade negra *não é natural, senão que é artificial, pois que foi sócio-histórica-culturalmente construída por uma civilização eurocêntrica* (JORGE, 2014). Se assim é, esse constructo negativo de estereótipos pode, igualmente, ser desconstruído, desde que professores e alunos adotem práticas educacionais reflexivas, de conscientização social (FERREIRA, 2012d). Para essa desconstrução dos estereótipos negativos de identidades de raça, pesquisas e formação docente continuada são fundamentais — em especial na área da LA.

Como sugestões para pesquisas futuras, propomos focar em projetos de estudo que busquem demonstrar o sucesso da aplicação dos instrumentos criados na oficina de formação realizada, para incentivar os professores a

se valerem das discussões a respeito de identidades sociais de raça em suas aulas, contribuindo efetivamente para a prática pedagógica do professor de LI.

Referências

BARROS, Surya Aaronovich de. Discutindo a escolarização da população negra em São Paulo entre o final d século XIX e início do século XX. In: ROMÃO, Jeruse. **História do negro e outras histórias**. Brasília: Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 196, 10 de outubro de 1996**. Aprova diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos.

_____. **Guia de livros didáticos PNLD, 2011: Língua Estrangeira Moderna**. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.

_____. MEC. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. DCN. Brasília. DF. Outubro. 2005.

_____. **Orientações curriculares para o ensino médio**. Linguagens, códigos e suas tecnologias – conhecimentos de línguas estrangeiras. Brasília, DF: Ministério de Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006.

_____. **Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Inclui no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Africana”, e dá outras providências. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/ccivil/LEIS/2003/L10.639.htm>>. Acesso em: 20 abr. 2015.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. **Parâmetros Curriculares Nacionais – Língua Estrangeira**. Brasília, DF: MEC, 1998.

_____. **Orientações e ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais**. Brasília: MEC /SECAD, 2006.

_____. **Lei nº 11.654, de 15 de abril de 2008**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11654.htm>.

CAMARGO, Mábia. **Atlântico Negro Paiol: como estão sendo conduzidas as questões de Raça e etnia nas aulas de língua inglesa?** Dissertação. UEPG, 2012.

CAMARGO, Mábia; FERREIRA, Aparecida de Jesus. Identidades quilombolas no convívio de sala de aula: negociando identidades nas aulas

de língua inglesa. In: FERREIRA, Aparecida de Jesus; JOVINO, Yone da Silva; SALEH, Pascoalina Bailon (Orgs). **Um olhar interdisciplinar acerca de identidades sociais de raça, gênero e sexualidade**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2014.

CARDOSO, P. F. A vida na escola e a escola da vida: experiências educativas de afrodescendentes em Santa Catarina no século XX. In: ROMÃO, Jeruse. **História do negro e outras histórias**. Brasília, DF: Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

CUNHA, Lídia Nunes. A população negra nos conteúdos ministrados no curso normal e nas escolas públicas primárias de Pernambuco, de 1919 a 1934. In: ROMÃO, Jeruse. **História do negro e outras histórias**. Brasília, DF: Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

CRUZ, Mariléia dos Santos. Uma abordagem sobre a história da educação dos negros. In: ROMÃO, Jeruse. **História do negro e outras histórias**. Brasília, DF: Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

FERREIRA, Susana Aparecida. **Percepções das identidades sociais de raça /etnia e gênero na escola: vozes de professoras e alunos/as**. Dissertação (Mestrado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras do CECA - UNIOESTE/Campus de Cascavel, 2011.

FERREIRA, Aparecida de Jesus (Org.) **As políticas do livro didático e identidades sociais de raça, gênero, sexualidade e classe em livros didáticos**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2014a.

_____. Teoria Racial Crítica e Letramento Racial Crítico: narrativas e contranarrativas de identidade racial de professores de Línguas. **Revista da ABPN - Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as**, v. 6, n. 14, 2014b.

_____. **Identidades sociais de raça, etnia, gênero e sexualidade: práticas pedagógicas em sala de aula de Línguas e formação de professores/as**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012b.

_____. Identidades sociais de raça no livro didático de Inglês mais vendido no Brasil. In: HARMUCH, Rosana Apolonia; SALEH, Pascoalina Bailon de Oliveira (Org.). **Identidade e subjetividade: configurações contemporâneas**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2012c. p. 99-114.

_____. **Identidades sociais de raça, etnia, gênero e sexualidade: práticas pedagógicas em sala de aula de Línguas e formação de professores/as**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012d. p. 19-50.

_____. **Formação de professores de Línguas: investigações e intervenções.** Cascavel, PR: Edunioeste, 2009.

_____. *What has race/ethnicity got to do with EFL teaching?* **Linguagem e Ensino**, jan./jun. 2007.

_____. Formação de professores de Língua Inglesa e o preparo para o exercício do letramento crítico em sala de aula em prol de práticas sociais: um olhar acerca de raça/etnia. **Língua e Letras**, vol. 7, n. 12, p. 171-187, 2006.

_____. **Addressing 'race'/ethnicity in Brazilian Schools: a study of EFL teachers.** (PhD thesis). University of London - Institute of Education, London, 2004. 325 p.

FONSECA, M. D. Pretos, pardos, crioulos e cabras nas escolas mineiras do século XIX. In: ROMÃO, Jeruse. **História do negro e outras histórias.** Brasília, DF: Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: **Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10639/2003.** Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. - Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. Preconceito de cor e racismo no Brasil. **Revista de Antropologia.** São Paulo, n. 1, v. 47, p. 9-43, 2004.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução: Tomas Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HENRIQUES, Ricardo. **Raça e gênero no sistema de ensino: os limites das políticas universalistas na educação.** UNESCO, 2002.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia científica.** 5. ed., 5. reimpressão. São Paulo: Atlas, 2011.

JOVINO, Ione da Silva. Representação de negros e negras num livro didático de Espanhol: alguns apontamentos. In: FERREIRA, Aparecida de Jesus (Org.). **As políticas do livro didático e identidades sociais de raça, gênero, sexualidade e classe em livros didáticos.** Campinas, SP: Pontes, 2014.

JORGE, Míria Lúcia dos Santos. Livros didáticos de Línguas Estrangeiras: construindo identidades positivas. In: FERREIRA, Aparecida de Jesus (Org.). **As políticas do livro didático e identidades sociais de raça, gênero, sexualidade e classe em livros didáticos.** Campinas, SP: Pontes, 2014.

KLEIMAN, Ângela B. Agenda de pesquisa e ação em Linguística Aplicada: problematizações. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da (Org.). **Linguística Aplicada na modernidade recente**. São Paulo: Parábola, 2013. p. 39-58.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Fotografias da Linguística Aplicada na modernidade recente: contextos escolares. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da (Org.). **Linguística Aplicada na modernidade recente**. São Paulo: Parábola, 2013.

_____. Linguística Aplicada e vida contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da (Org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006.

_____. **Identidades fragmentadas**: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.

ORLANDO, Andréia Fernanda. **Gênero e diversidade na escola**: multiletramentos em aulas de língua portuguesa. Dissertação (Mestrado em Letras). Programa de Pós-Graduação do CECA - Unioeste/Campus de Cascavel-PR. 193 f.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de O. **Projeto Amfale**: aprendendo com memórias de falantes e aprendizes de Línguas Estrangeiras. Belo Horizonte, MG: UFMG, 2005.

_____. Letramento digital através de narrativas de aprendizagem de Língua Inglesa. **Rev-Crop**. USP, 2007.

PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes curriculares de língua estrangeira moderna**. Curitiba, 2008.

PENNYCOOK, A. Uma linguística aplicada transgressiva. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da (Org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006. p. 67-84.

_____. **Critical applied linguistics**: a critical introduction. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 2001.

RAMALHO, Viviane; RESENDE, Viviane de Melo de. **Análise de Discurso (para a) Crítica**: o texto como material de pesquisa. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.

SANTOS, Márcio André dos. Negritudes posicionadas: as muitas formas da identidade negra no Brasil, 2005. **Academia.edu**. Disponível em: <<http://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&q=marcio+andre%C2%B4dos+santos+negritudes+posicionadas+2005&btnG=&lr=>>>. Acesso em: 3 fev. 2015.

SILVA, Tomáz T. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora, 2013.

_____. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomáz T.; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn (Orgs.). **Identidade e diferença**. 14. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SILVA, Paulo Vinícius Batista da. **Racismo em livros didáticos**: estudo sobre negros e brancos em livros de Língua Portuguesa. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora, 2008.

SILVA, Ana Célia da. **A representação social do negro no livro didático**: o que mudou? Por quê? Salvador, BA: EDUFBA, 2011.

_____. **Desconstruindo a discriminação do negro no livro didático**. 1. ed. Salvador, BA: EDUFBA, 2001 (2. tiragem, 2003).

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil. **Revista Educação**. Porto Alegre, RS, n. 3, p. 489-506, 2007.

SILVA, Geraldo da; ARAÚJO, Márcia. Da interdição escolar às ações educacionais de sucesso: escolas dos movimentos negros e escolas profissionais técnicas e tecnológicas. In: ROMÃO, Jerusa. **História do negro e outras histórias**. Brasília, DF: Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

SOUZA, Ana Lúcia. **Letramentos de reexistência**: poesia, grafite, música, dança: HIP HOP. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

TARINI, Ana Maria de Fátima Leme. Identidade e diferença e suas relações com a indisciplina em sala de aula. In: FERREIRA, Aparecida de Jesus (Org.). **Formação de professores de Línguas**: investigações e intervenções. Cascavel, PR: Edunioeste, 2009.

TELES, Carolina de Paula. **Representações sobre as crianças negras na educação infantil**: mudança e permanências a partir da prática pedagógica de uma professora. Dissertação (Mestrado em Educação), USP, São Paulo, 2010.

VAN DIJK, Teun A. **Discurso e poder**. São Paulo: Contexto, 2012.